



A construção de uma geografia da alma a partir da contribuição da psicologia arquetípica

*The construction of a geography of the soul based on the
contribution of archetypal psychology*

*La construcción de una geografía del alma a partir del
aporte de la psicología arquetípica*

Rafael Gonçalves da Silva

Universidade Estadual de Campinas

mairakferraz@gmail.com

Maíra Kahl Ferraz

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

rafael.goncalves@aluno.ifsp.edu.br

Resumo: Desde a sistematização da ciência geográfica determinados aspectos da vida humana deixaram de ser incorporados em sua concepção. A alma é um deles. A corrente da geografia humanista utilizando-se de uma filosofia fenomenológica intenciona uma superação de uma lógica cartesiana, para isso apropriou-se de aspectos subjetivos até então desconsiderados. Nesse sentido será exemplificado autores como Dardel e Tuan. Ainda assim, não existe nenhuma conexão entre geografia e alma. Portanto, partindo das contribuições da psicologia arquetípica conceitualizada por James Hillman, tendo como base a psicologia analítica de Jung, será refletido sobre a contribuição deste pensamento para a geografia. Nessa interligação pouco explorada, é possível a construção de uma geografia da alma. Esta seria uma perspectiva sobre a comunicação com um mundo animado. Seu objetivo seria a deformação e construção de imagens, tornando todo o contato com o mundo uma experiência arquetípica imaginativa.

Palavras-chaves: Psicologia arquetípica. Arquétipo. Imaginação. Imagem. James Hillman

Abstract: Since the systematization of geographic science, certain aspects of human life were no longer incorporated into its conception. The soul is one of them. The current of humanist geography, using a phenomenological philosophy, intends to overcome a Cartesian logic, for this purpose it appropriates subjective aspects that were previously disregarded. In this sense, authors such as Dardel and Tuan will be exemplified. Still, there is no connection between geography and the soul. Therefore, starting from the contributions of archetypal psychology conceptualized by James Hillman, based on Jung's analytical psychology, we will reflect on the contribution of this thought to geography. In this little explored interconnection, it is possible to construct a geography of the soul. This would be a perspective on communicating with an animated world. Its objective would be the deformation and construction of images, making all contact with the world an imaginative archetypal experience.

Keywords: Archetypal psychology. Archetype. Imagination. Image. James Hillman.

Resumen: Desde la sistematización de la ciencia geográfica, ciertos aspectos de la vida humana ya no fueron incorporados a su concepción. El alma es uno de ellos. La corriente de la geografía humanista, utilizando una filosofía fenomenológica, pretende superar una lógica cartesiana, para ello se apropia de aspectos subjetivos que antes eran ignorados. En este sentido se ejemplifican autores como Dardel y Tuan. Aún así, no existe ninguna conexión entre la geografía y el alma. Por tanto, a partir de los aportes de la psicología arquetípica conceptualizada por James Hillman, basada en la psicología analítica de Jung, reflexionaremos sobre el aporte de este pensamiento a la geografía. En esta interconexión poco explorada es posible construir una geografía del alma. Esta sería una perspectiva sobre la comunicación con un mundo animado. Su objetivo sería la deformación y construcción de imágenes, haciendo de todo contacto con el mundo una experiencia arquetípica imaginativa.

Palabras clave: Psicología arquetípica. Arquetipo. Imaginación. Imagen. James Hillman

Introdução

Este artigo encontra o seu desafio no próprio título, no qual propomos uma geografia da alma. Quando invocamos estas palavras adentramos campos inexplorados e perigosos. Nos guiando por um aprofundamento no desconhecido, nossas ideias chamadas são pequenas flâmulas na escuridão que carregam essa atmosfera tenebrosa. É uma jornada que assusta, maravilha, adoece, cura, morre, renasce, etc. Um caminho parcialmente mapeado para aqueles que ousam apreciar com o coração. Por vezes, este conceito inicial 'alma' está reservado para a metafísica ou a teologia, pouco presente na condição da humanidade moderna. Nossa atual cultura pode até tentar dominá-la, mas ela é esquiava como o vento. Outra alternativa seria contê-la, reprimi-la, mas ela é vital como um ato de inspiração. Estando profundamente atada a nossa existência, certamente a geografia precisa corajosamente olhar para essa primitividade da psique, envolvê-la, refleti-la. Os conceitos de alma, alma e psique muitas vezes são utilizados como sinônimos. Entretanto, Hillman(2020) discute que apesar de Jung usar alma e alma alternadamente, esforça-se para manter distinções. Para Jung, 'alma' é uma expressão muito genérica e 'anima' indicaria algo específico. Além disso, nenhuma das duas poderia ser identificada com a totalidade das funções psíquicas que seria a psique, definido por Jung como 'self'. Mesmo assim, Hillman continua: 'Na verdade, penso que podemos definir outra definição de alma: arquétipo da psique' (Hillman,2010, p.94-95), então existe uma conexão entre o movimento reflexivo induzido pelo arquétipo alma que conduz à totalidade psíquica. No pensamento de Hillman, essa última se afasta do objetivo do 'self', em que a interioridade se concentra subjetivamente no indivíduo. Contrariamente, em sua leitura a partir de Jung, a totalidade caminha para a interioridade de todas as coisas, da alma do mundo: 'Porque a noção de alma sempre contém a alma do mundo[...]' (Hillman,2010, p.103). Portanto, a reflexão defendida pauta-se na interligação dos conceitos, em que a 'tomada de consciência' seria conduzida pelo arquétipo de alma que em si é reflexivo no sentido de aprofundamento. Esse processo é intermediado pela linguagem metafórica da alma, as imagens: 'A consciência que surge da alma deriva de imagens e poderia ser chamada de imaginal' (Hillman,2010, p.115). Nesse sentido, as imagens de fantasia, são o ma-

terial primordial da realidade psíquica, é um instrumento de percepção do mundo. Em oposição ao arquétipo egóico que controla a consciência, uma perspectiva arquetípica da alma possui um movimento ligado a imaginação fantasiosa em que:

[...] como descrições mais adequadas da consciência e de suas atividades usamos metáforas mais familiares à alquimia da prática analítica: fantasia, imagem, reflexão, insight, e, também, espelhar, conter, cozinhar, digerir, ecoar, fofocar, aprofundar. (HILLMAN,2010, p.117)

Ou seja, o arquétipo central desta investigação é a alma. Uma expressão da alma que é uma perspectiva de aprofundamento do mundo, um dos componentes de nossa psique que permite seu vislumbre sistêmico através das imagens de fantasia que habitam nossa realidade psíquica. Portanto, o pensamento de Hillman e Jung se conectam e se expressam no que será abordado como 'geografia da alma' em que: '[...] Hillman constrói sua visão teórica a partir do alinhamento de psique e imagem feito por Jung no século passado ('psique é imagem', disse Jung¹)' (HILLMAN,2018,p.7).

Meandricamente abandonaremos o centro de determinadas correntes para descansar nas margens. As marginais psicologias profundas estão acompanhando este trabalho, então no referencial adentram autores como Jung e James Hillman, eles serão os nossos mestres frente a tarefa de apreciar a polifonia da 'alma', que também aparecerá como 'psique' ou 'anima'.

Alguns passos mais abaixo na caverna de Platão, encontramos as imagens, nossa imaginação. Aquelas que são definidas por seu caráter ilusório, conduzindo ao engano por aqueles que dizem ser estritamente objetivos. Essa definição vem de parte de nossa fantasia científica que tem suas origens na Europa Centro-Occidental. Nesse contexto a imaginação possui um lugar subalterno, ela está reservada para todos aqueles lugares e pessoas definidos como loucos, anormais, místicos, subjetivos, ilusórios etc. As ideias presentes nesta reflexão pretendem revisar a motivação dessa exclusão e a necessidade de o coração pulsar junto aos deuses. No desenvolver desse percurso iremos tentar compreender o que seria essa imaginação e os arquétipos. Para tanto, será

necessária uma breve introdução a algumas ideias fundamentais da psicologia arquetípica e o contexto de seu surgimento.

De modo geral, esse artigo tem como objetivo apresentar os aportes teóricos que permitem e viabilizam o pensamento do que foi definido como 'geografia da alma'. Esse olhar geográfico pretende ultrapassar uma lógica positivista em que o mundo e o sujeito são pensados separadamente. Para tanto, será necessário adentrar a imaginação fantasiosa, a linguagem do arquétipo norteador de nossa reflexão

Re-vedo a psicologia

Iniciando propriamente nosso aprofundamento, teremos que posuir algumas ferramentas para tornar a nossa descida segura. Dessa maneira, utilizaremos o mapeamento feito pelos olhares mais cativantes e corajosos. Através das palavras de nossos mestres iremos guiá-los para uma intenção de renascimento visionário.

James Hillman (2010) é o nosso principal aporte teórico, pelas ideias trazidas em seu livro 're-vedo a psicologia' de 1975. Mas, antes de adentrar nelas precisamos evidenciar uma de suas principais influências, e dentre elas temos o psicólogo suíço Carl Gustav Jung.

Brevemente o que é evidenciado é a diferenciação das 'psicologias profundas' frente ao que estava sendo produzido em termos de psicologia em seu tempo histórico, no final do século XIX. Um dos principais conceitos de tratamento psíquico se afastaria de uma tendência psiquiátrica, fisiológica e normalizadora, aproximando-se de um caráter literário, mitológico, poético e filosófico. Esse conceito seria o inconsciente. Para Freud, ali estariam os conteúdos reprimidos, ou esquecidos da mente. Seu valor terapêutico estaria no acesso aos traumas. Enquanto isso, Jung discípulo desse autor também corrobora com essa teoria, pois os conteúdos dos comportamentos, narrativas e sonhos expressariam os complexos de tonalidade emocional. Estes seriam problemas centrais na vida que querem ser realizados, portanto ao serem analisados poderiam se tornar tema de desenvolvimento, por outro lado, se recalcados, ou não podendo ser integrados poderiam transformar-se em neuroses. Contudo, durante sua experiência ele notou que algumas temáticas abordadas não eram pessoais, mas representações coletivas

que se repetiam. Assim, Jung defendeu a ideia de inconsciente coletivo. Este seria onde estariam conteúdos psíquicos coletivos que independentemente do tempo e do espaço, seriam comuns para toda a humanidade, desse modo o autor esclarece seu conceito:

Eu optei pelo termo “coletivo” pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são ‘cum grano salis’ os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo (JUNG, 2016b, p.3).

Retomando o que foi pontuado até aqui, para Jung os complexos seriam os conteúdos do inconsciente pessoal. Entretanto, existiriam expressões psíquicas que estariam além dessa individualidade, expressando temas de desenvolvimento comuns para a toda a humanidade, estes últimos são denominados por ele de arquétipos. Nas palavras dele, os arquétipos constituem “[...] um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar (JUNG, 2016b, p.89).

Segundo Jung (2016a) o arquétipo é uma tendência a formar representações de um mesmo motivo sem perder a sua configuração original. Ele pontua que assim como o nosso corpo é um verdadeiro museu de órgãos, cada um com sua longa evolução histórica, na mente também encontramos uma organização análoga. Por conseguinte, existem relações entre as imagens oníricas do homem moderno, e as expressões da mente primitiva, suas imagens coletivas e seus motivos mitológicos. Para elucidar a questão, temos: ‘O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho e das formigas para se organizarem em colônias’ (JUNG, 2016a, p.83).

Feito esse percurso inicial, podemos refletir nesse momento sobre a base da qual será nossa referência para aproximar-nos do conceito de alma e imaginação. Como pontuado anteriormente, James Hillman

será o nosso mestre. A escolha é feita com base em seu projeto de renovação da psicologia junguiana, que ficou conhecido como psicologia arquetípica. A sua obra de 1975 'Re-vendo a psicologia', apresenta uma revolução, pois revisa a psicologia do ponto de vista da alma. Para ele, essa seria:

(...) uma perspectiva em vez de uma substância, uma perspectiva sobre as coisas em vez de uma coisa em si. Essa perspectiva é reflexiva, ela media os eventos e faz diferenças entre nós e tudo aquilo que acontece. Entre nós e os eventos, entre aquele que faz e o que é feito há um momento reflexivo - e o cultivo da alma significa diferenciar esse chão intermediário (HILLMAN, 2010, p.27).

Ainda sobre esse conceito, Hillman (2010) insiste em uma indefinição como a lua que media apenas luz emprestada. Mesmo que seja indefinível, a alma carrega a importância mais elevada nos valores humanos, frequentemente identificada com o princípio da vida. No intuito de cultivar a alma o autor pontua quatro ideias psicológicas básicas, que são os quatro capítulos do livro supracitado, são elas: personificar, patologizar, psicologizar e desumanizar. Resumidamente essas ações pretendem restaurar a perspectiva mítica à psicologia profunda reconhecendo o amor da alma pelos deuses

Até então, podemos perceber que essas ideias se afastam e criticam uma perspectiva de uma psicologia fisiológica e humanista. Como sucintamente abordamos a alma, ainda é preciso discutir a importância da imaginação para ela. Assim já pontuado, a psicologia profunda é inovadora em resgatar as imagens e fantasias como manifestações do inconsciente. A perspectiva arquetípica sobre a fantasia segue o pensamento de Jung. O último considerava as imagens de fantasia que atravessam nossos sonhos acordados e da noite, presentes inconscientemente em toda nossa consciência como dado primário de nossa psique. Portanto, é anunciada uma base poética da mente, tudo o que sabemos e sentimos, e cada afirmação que fazemos estão baseados em fantasia, ou seja, provêm de imagens psíquicas. A citação abaixo coloca os conteúdos imaginativos como os dados primários da alma:

[...] considerando as imagens como os dados básicos da vida psíquica, que se auto-origina, são inventivas, espontâneas, completas e organizadas em padrões arquetípicos. Imagens de fantasia são tanto os materiais crus quanto os produtos acabados da psique, bem como o modo privilegiado de acesso ao conhecimento da alma (HILLMAN, 2010, p.29).

Hillman (2010) em sua leitura de Freud e Jung aponta o trabalho do primeiro como uma criação de uma mitologia, seus conceitos não passariam de mitos em outras palavras. Isso se daria pelo fato de que a psicologia precisava tanto da mitologia que acabou criando uma própria na medida em que avançava. Já em referência ao segundo, afirma que sua principal contribuição estava na personificação de nossas fantasias, como referido na passagem:

Alguns têm considerado o complexo psicológico como a descoberta mais importante de Jung, outros o arquétipo, mas talvez sua maior contribuição resida não tanto nessas ideias como na sua radical personificação delas (HILLMAN, 2010, p.76).

A psicologia arquetípica apesar de seguir o caminho da fantasia de Jung crítica que o objetivo terapêutico seria atingir o self. De acordo com Kast (2019) o self é introduzido por Jung para representar o arquétipo da totalidade. Nesse sentido, a análise de sonhos em seu processo terapêutico almeja o si-mesmo, ou self. Este seria atingido através da individuação, como pode ser observado na citação abaixo:

Face à tendência perigosa e desagregadora, o mesmo inconsciente coletivo dá origem a uma reação em contrário, na forma de um processo centrador, caracterizado por símbolos inconfundíveis. Este processo vai constituir nada menos do que um novo centro para a personalidade, cuja característica – conforme mostram os símbolos – é estar acima do eu, e cuja superioridade também é comprovada empiricamente, numa fase posterior. [...] Experimentar e vivenciar esse si mesmo[...] é uma experiência vital e profundamente transformadora. O processo que conduz a ela foi por mim denominado processo de individuação (JUNG, 2013, p.219).

Portanto, nosso aporte referencial arquetípico seria uma entrada em Jung e uma saída principalmente em relação à sua teologia que foi pontuada anteriormente. Neste momento é preciso fazer uma digressão. Hillman (2010) afirma que sua psicologia é necessariamente politeísta e isso se dá em função de uma necessidade psicológica, assim é colocado:

Este livro se afasta da tendência monoteísta que tem governado nosso pensamento psicológico habitual, estamos à procura de outras estruturas e de mitos mais amplos. Nossas confusões internas são uma riqueza latente. Requerem um pano de fundo diferenciado para serem apreciadas adequadamente. Frequentemente condenamos imagens e experiências como erradas, fracas, doentias ou loucas apenas porque não descobrimos seu sentido arquetípico. Porque nossas mentes foram monoteisticamente preconcebidas esquecemos de ver as coisas através de outras cores do aspecto pluralista (HILLMAN, 2010, p. 35).

Portanto, Hillman(2010) abordando uma breve história da despersonalização discute que o desenvolvimento no reino da razão esteve associado com dispositivos de encarceramento do irracional. Para ele, a batalha entre razão e imaginação tem sido encenada desde o século XVII até os dias de hoje, assim é colocado:

Ambos, a ciência moderna ainda emergente e o cristianismo passando por seu movimento de reforma, requeriam que a subjetividade fosse purgada de tudo e todos, exceto do modelo autorizado de pessoa: o adulto cristão e racional. Viver de outro modo era magia e heresia (HILLMAN, 2010, p.47).

Dessa maneira, o autor reconhece que o surgimento da psicologia está associado com o protestantismo, que por sua vez é alimentado por uma única fantasia do solo europeu central e setentrional, perdendo a perspectiva da alma que é polimorfa. Para finalizar essa digressão temos que:

O reconhecimento do protestantismo da psicologia foi o primeiro passo. Em última instância, devemos admitir que a psicologia arquetípica é teofânica: personificar, patologizar, psicologizar e desumanizar são os modos de 'politeizar', são meios de revelar deuses num universo plural (HILLMAN, 2010, p.429).

Por fim, nossa primeira etapa nessa jornada se encerra parcialmente. O espaço é muito amplo, as vozes são ecoadas por todos os desmembramentos labirínticos em que estamos. Seguimos levando conosco alguns daimons¹, que nos envolvem no caminho para o cultivo psíquico das nossas imagens do coração. Nelas em suas pulsações arquetípicas iremos retroceder para outra margem em que ainda não navegamos. Nossa próxima experiência será uma pequena pausa de apreciação reflexiva. Para nos conectarmos com a alma do mundo, precisaremos de um olhar retrospectivo, buscando responder se a imaginação (a linguagem da alma) possui, ou já possuiu algum lugar na geografia.

O lugar da imaginação na Geografia

Navegando pela história da geografia podemos adentrar vários afluentes. Até os dias atuais o objeto da geografia é discutido por diversos autores com definições divergentes. Segundo Moraes (1994) ela pode ser tratada como o estudo da superfície terrestre, estudo da paisagem, individualidade dos lugares, diferenciação de áreas, estudo do espaço e relação entre ser humano e meio. O autor ainda complementa que o rótulo geografia é bastante antigo, remontando à Antiguidade Clássica, especificamente ao pensamento grego. Até o século XVIII, o conhecimento geográfico era disperso, sem um conteúdo unitário. Traçando paralelos com a psicologia, a institucionalização das ciências e sua delimitação ocorre paralelamente ao desenvolvimento capitalista e a intensificação dos ideais positivistas de separação do mundo em dicotomias independentes entre si, como por exemplo: cultura e natureza.

Entretanto, os conhecimentos sistematizados enfrentam questionamentos pertinentes à situação decadente da sociedade atual, principalmente no quesito da ameaça de colapso ambiental. Portanto,

¹ Daimon é uma ideia trazida de Platão por Hillman que considera como algo que nos acompanha para que nossa vocação existencial seja exercida, uma espécie de portador de nosso destino.

contraditoriamente ao impulso unificador, no decorrer da história da geografia irão surgindo diversas correntes tentando compreender os fragmentos desviantes, dentre eles está a imaginação, pois a subjetividade era tratada como algo irreal a ser excluído da análise científica, que deveria ser puramente racional e objetiva. Nessa perspectiva, a corrente da geografia humanista utilizando-se do aporte fenomenológico, intenciona superar uma lógica positivista. Seu recorte se faz necessário pois nosso objetivo é chegar ao lugar da imaginação na geografia. Nela, há uma investida para compreender os aspectos excluídos da ciência geográfica. Este lugar pouco explorado, se torna uma névoa basilar inconsciente em nossas ideias geográficas, por isso resgatamos esse aporte para seguirmos nossa posição fantasiosa.

Para além de um viés quantitativo, sistematizado e puramente objetivo, podemos refletir em como nossas percepções, sensações e emoções mais íntimas se conectam com o mundo. O espaço não é apenas um objeto, pois criamos laços afetivos com ele, expressamos nossa individualidade junto a ele e assim o habitamos. Neste sentido a corrente humanista, incorpora a imaginação e coloca o conceito de lugar no foco das discussões. Voltando-se para o desenvolvimento dessa noção, temos que:

[...] a ideia de uma disciplina centrada no estudo da ação e da **imaginação humana** e na análise objetiva e subjetiva de seus produtos, que pretendiam constituir uma ciência de síntese que estivessem além dos parâmetros cartesianos e positivistas, nos remete aos anos 20 (HOLZER, 2008, p.137, grifo meu).

Saltando historicamente, a partir do ano de 1920, resumidamente Holzer (2008) aponta alguns autores que irão amplificar esse novo ponto de vista, como: Carl Sauer, Wright, Lowenthal e Tuan. O primeiro procurava fazer uma geografia que captasse os significados e cores dos variados cenários terrestres. Entretanto, Holzer (2008) ressalta a força do movimento humanista no contexto social do final dos anos sessenta. Sendo assim, são apontados os outros autores. O segundo, propunha uma 'geografia histórica', definida como o estudo do conhecimento geográfico produzido por geógrafos e por não geógrafos. Já o terceiro, é colocado como aquele '[...] em que seu ponto de partida

era 'a 'geosofia', um projeto de ciência que abarcasse vários modos de observação, o consciente e inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático' (HOLZER, 2008, p.138). Por fim, também cita Tuan que se baseia na obra poética de Bachelard, propondo uma geografia dedicada ao estudo do amor do homem pela natureza, denominada por ele de topofilia. Logo adiante, trataremos de como a fenomenologia foi fundamental para essa virada no pensamento da geografia.

Como apontado anteriormente, a geografia humanista trabalha com uma nova possibilidade de pensamento. Nela, a imaginação pode contribuir para os processos de formação geográfica. Assim, gostaria de destacar a relação que este modo de pensar teceu com a filosofia fenomenológica. Sobre a importância dessa vertente, Holzer aponta: 'O método fenomenológico seria utilizado para se fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, através da intencionalidade, reconhecer as 'essências' da estrutura perceptiva' (HOLZER, 2008, p.140).

No intuito de aproximar-nos melhor desse estilo, buscamos em Merleau-Ponty (2018) uma referência. Sendo assim, sua definição postula:

O que é a fenomenologia? [...] A fenomenologia é o estudo das essências [...] resumem-se em definir essências[...] Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira se não a partir de sua 'facticidade'[...] mas é também uma filosofia para qual o mundo já está sempre 'ali', antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo [...] mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo 'vivididos'. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é[...] (MERLEAU-PONTY, 2018, p.1).

Por este ponto de vista, Merleau-ponty (2018) continua ressaltando que se trata de descrever a relação com o mundo, não explicar, ou analisar. Isto é o que Husserl colocava como retornar 'às coisas mesmas', que é antes de tudo uma desaprovação da ciência cartesiana, pois:

Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor [...] precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou explicação dele (MERLEAU-PONTY, 2018, p.3).

Assim, temos a intersubjetividade como uma norteadora de nosso diálogo com o mundo, esta vivência tem como consequência ampliar nossos olhares geográficos, para que busquemos nos fenômenos suas essências, para que eles possam ser desvelados por nós. E nesse sentido a dicotomia entre o sujeito e objeto é rompida, assim como a subjetividade e objetividade, porque não é somente o material que pode ser manifesto. Nessa perspectiva o mundo não seria aquilo que pensamos dele, mas aquilo que vivo, experiencio, quando estou aberto ao mundo, comunico-me com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável, múltiplo e infinito.

Portanto, explicitando as noções fenomenológicas Holzer(2008) aponta outros dois autores importantes para a conexão destas ideias com a geografia: Buttimer e Relph. Destacaremos o segundo neste artigo, pois este em sua tese *The Phenomenon of Place* de 1973, ele reformulou o conceito de lugar que antes era utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido de localidade de um sítio. Para tanto, se embasa em Eric Dardel (2015). Dardel foi retomado pois produziu uma obra em que a fenomenologia existencialista é o suporte teórico. Seu pensamento nos coloca em uma reflexão sobre a existência na Terra, em que aprendemos muito sobre nós nesse relacionamento, que de certa maneira é inevitável. No que se refere aos desejos dos geógrafos o autor coloca:

Mas antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva (DARDEL, 2015, p.1).

O conceito de lugar em Dardel vai de encontro à sua tonalidade afetiva. A geograficidade proposta (uma relação concreta que liga o homem à Terra), exige uma linguagem adequada à sua própria expressão, como ele próprio coloca, a do poeta. Quando nos aproximamos dessa 'geografia primitiva', estamos nos recolocando como existentes no mundo em que nosso corpo, nossa relação imaginária aproxima-se do invisível, pois o espaço vai além de sua materialidade. Essa intersubjetividade é o motor da ciência geográfica, não podemos desatá-las de nossas análises já que o esforço de dissociação é ilusório. Essa indissociabilidade é abordada na geografia mítica, as sociedades antigas, e medievais possuem com a Terra um sentido essencialmente qualitativo em que a geografia é um poder:

Da Terra vêm as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio comportamento, que se misturam com sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos (DARDEL, 2015, p.48).

Nesse sentido, não é o ser humano que idealiza o espaço, é o espaço que vem ao seu encontro e o chama. Todos os fenômenos espaciais ressoariam e agitariam as profundezas emotivas e afetivas do homem em que '[...] cada nascer do sol é uma vitória sobre as trevas e o cintilar de cada estrela um sinal que lhe faz o mundo' (DARDEL, 2015, p.53).

Em conclusão, citamos autores da geografia humanista porque como demonstrado, essa corrente foi responsável por iniciar o resgate dos aspectos subjetivos e a imaginação é um deles. Apesar desse esforço, o conceito parece não ter importância fundamental em uma análise geográfica, existindo certa vaguidade do imaginário, por vezes aparentando ser mais um acessório ou complemento, assim colocado por Bishop:

Again, the belief in poesis is not a recent one in geography. The importance of thinking in pictures was emphasized by regional surveyors and educators working in the 1940s; John K. Wright's mid-century focus on the place of imagination was subsequently used as a starting point for an epistemological revisioning of

geography in the 1960s. However, what does seem to be new is the affirmation of a primary notion of imagination, or what Corbin from his studies in esoteric Islamic sacred geography calls the 'imaginai' to distinguish it from mere superficial fantasy (BISHOP; Peter, 1994, p.56).

Portanto, não existe nenhuma ligação direta de um fazer geográfico atado à concepção imaginária da psicologia arquetípica, que como argumentado é centralizado na alma. Esse interligação entre psicologia arquetípica e geografia é discutida por Peter Bishop, segundo ele: "I try to demonstrate that the concerns of Jungian and archetypal psychology, rather than being additional to geography's, in fact mirror and develop issues that have long had an important place in that discipline" (Bishop; Peter, 1994, p.51). Nesse sentido, Bishop pontua que o lugar da imaginação na geografia foi colocado mais como uma tentativa de sistematização, do que propriamente um 'poesis', exemplificando:

The general failure to make such a move can be traced, for example, in the way geographers have used the work of Gaston Bachelard, acknowledged as a seminal figure in archetypal psychology. Bachelard's important studies in poetics have often been used by geographers searching for a philosophical ground by which to validate the imagination (BISHOP; 1994, p.58).

Por fim, Bishop (1994) coloca que são poucas referências que articulam com a imaginação no sentido da psicologia arquetípica, sendo sua grande maioria vinculada a psicologias colocadas como 'personalistas'. Com esse panorama geral, iremos esboçar o que se aproxima de uma 'geografia da alma'. Este novo modo de ver e experienciar a Terra desafiam as noções de interior e exterior, subjetivo e objetivo, consciente e inconsciente. Há uma crítica de uma dicotomia de definições limitantes que restringem a multiplicidade da experiência e do corpo. Por muitas vezes, o que se é pensado, estruturado, não é sentido profundamente, havendo uma relutância de os impulsos da relação ser-no-mundo descharacterizar uma vivência monótona, pobre e doentia. Dessa maneira, acreditamos que a psicologia arquetípica utilizando do imaginário tem a

capacidade de retomar a alma em nossas noções geográficas, propondo aqui uma 'geografia da alma'.

A Geografia da alma

Nosso movimento será descendente, saímos da navegação pelas margens e iremos ao aprofundamento. O direcionamento será para a caverna platônica (a referência a esse filósofo é pautada em sua influência na psicologia arquetípica), pois anteriormente construímos alguns instrumentos para não nos iludimos no labirinto da alma, esse subterrâneo complexo de cavidades. Neste local, nossa bússola é o coração.

Barcellos (2023) aponta que a fonte da psicologia de Hillman são inúmeras: o pensamento platônico, neoplatônico, os místicos islâmicos, os alquimistas, os artistas e filósofos renascentistas. Além disso, o autor também indica as principais referências: Jung, Henry Corbin e Gaston Bachelard. Nesse novo percurso abandonaremos a centralidade da racionalidade no cérebro para escutar o ritmo das batidas das imagens arquetípicas. Hillman (2010b) utiliza o poder retórico imaginativo conhecido como *himma*, do qual Corbin fala em seu estudo sobre Ibn' Arabi. Ele é o pensamento do coração cujo teor é sugerido pela palavra grega *enthymesis* que significa o ato de imaginar, mais precisamente seria: 'Himma é o modo pelo qual as imagens, que acreditamos criar, nos são apresentadas não como tendo sido criadas por nós, mas genuinamente criadas, como criaturas autênticas' (HILLMAN, 2010b, p.15). Portanto, *himma* pode também ser um discurso para o espaço, no momento em que o antropocentrismo é questionado por meio da imaginação.

A geografia da alma é a criação da realidade psíquica partindo da *himma*, quando em nossos devaneios estamos no processo de deformação das imagens, entramos em um processo alquímico. Primeiramente, partimos que todas as coisas existentes possuem um convite ao aprofundamento, isto é, uma alma. Para nos comunicarmos com o mundo precisamos devolver cada elemento da paisagem para seu componente arquetípico, isso significa fazer poesia com a vida. Esse relacionamento é o que Corbin (1977) define como *ta'wil*, que seria reconduzir algo para sua origem, seu arquétipo, para sua verdadeira realidade, outro termo para isso seria a imaginação ativa:

This Imagination does not construct something unreal, but unveils the hidden reality; its action is, in short, that of the ta'wil, the spiritual exegesis practised by all the Spirituals of Islam, whose special quality is that of alchemical meditation: to occultate the apparent, to manifest the hidden. It is in this intermediary world that those known as the 'urafa', the mystical gnostics, have meditated tirelessly, gnosis here being taken to mean that perception which grasps the object not in its objectivity, but as a sign, an intimation, an announcement that is finally the soul's annunciation to itself (CORBIN; Henry, 1977, p.12).

Assim sendo, a geografia da alma é um desvendamento, uma apreciação das imagens que surgem espontaneamente de todas as coisas. É esse sentido de apreciação que podemos notar na poética do espaço de Bachelard (1979), os poetas fazem uma geografia da alma, pois se comunicam diretamente com a alma do mundo, em que até os objetos mais 'banais' de nosso cotidiano podem ser frutos de insights como armários, gavetas e cofres. Portanto, a construção de imagens através da imaginação ativa é um material de estudo geográfico e uma criação psíquica-espacial. O mundo torna-se um palco de realidade psíquica, podemos fazer alma em geografia, nesse sentido:

O autoconhecimento que a psicologia profunda oferece não é suficiente se as profundezas da alma do mundo são negligenciadas. Um autoconhecimento que se baseia numa cosmologia que declara que o mundo mineral, vegetal e animal além da pessoa humana é impessoal e inanimado não é apenas inadequado. É também ilusório. Não importa quão bem a gente se conheça, permaneceremos fantasmas que andam e falam, cosmologicamente colocados à parte de outros seres de nosso meio. Desde Platão, passando pelos alquimistas, para quem Jung se volta, e para o próprio Jung, não era apenas a alma pessoal que contava, mas também a *anima mundi* (CW 8, §393). O trabalho sobre si mesmo almeja abrir os sentidos e o coração para a vida e para a beleza de um mundo animado (HILLMAN; James, 2020, p.131).

Podemos dialogar com o mundo através da imaginação, mas isso não significa acabar com o pensamento ou as sensações, lembrando que na geografia da alma estamos em um estilo de reflexão psíquica que é do arquétipo de alma, sendo somente uma de nossas expressões. A necessidade de devoção à alma é uma reparação histórica, pois ela foi banida da cultura ocidental, gerando uma série de consequências negativas para o reconhecimento do mistério da vida.

Portanto, a geografia da alma seria aquilo que é definido por Corbin (1977) como 'visionary geography', nela:

The perception of the Sophianic mystery of the Earth, of geosophy, obviously cannot take place in the framework of positive geography. It presupposes a visionary geography[...] Geographical features, mountains for instance, are here no longer merely physical features; they have a significance for the soul; they are psycho-cosmic aspects. The events that take place there consist in the very seeing of these aspects; they are psychic events (CORBIN; Henry, 1977, p.16).

Para fins de esclarecimento, essas ideias não se referem a uma geografia dos sentimentos, pois isso seria associar nossos impulsos divinos com nossas perspectivas egóicas, uma outra forma arquetípica, caindo em um humanismo que já dispomos a nos afastar. Nesse sentido, Eros não é Psiquê, mesmo que o primeiro movimento da alma seja em direção ao amor, as batidas do coração excitam para transformar as reflexões anímicas em conexão. A fantasia que estamos adentrando não se encaminha para o sentimentalismo humano, mas para longe dele, ela traz coisas à mente além do mundo humano, a força da beleza da reanimação das imagens divinas.

A geografia da alma pontuada aqui, intenciona refletir como a alma é inerente ao espaço, não sendo algo confinado ao interior mas uma perspectiva. Através dela não queremos descrever as características físicas, mas as imaginárias. A psique é a manifestação do mistério da vida, ela não se encontra confinada a nenhum campo, nem mesmo na psicologia. Ela é a manifestação da própria existência, emoldurando qualquer conceito que tenta ser estritamente objetivo. Por trás de cada fenômeno geográfico existe um arquétipo no sentido de Hillman, ou

seja, um aprofundamento através da deformação de imagens. Porém, nossa cultura ocidental se move em uma perspectiva egóica, e nela todas as explicações de nossa cotidianidade são tomadas personalisticamente, contrariamente ao comportamento anímico. A partir disso, segundo Hillman, a alma é uma substância, uma perspectiva polimorfa, portanto uma geografia da alma é aquela que olha para os arquétipos que se expressam no mundo, sendo acessíveis através da imaginação ativa. Nessa perspectiva, o mundo é alçado e cada um de seus detalhes são sementes imaginativas aguardando para serem cultivadas.

O cultivo da alma não é uma experiência apenas introspectiva, pois como já pontuado ela não está confinada em nenhum local do corpo, ela é volátil como o ar. Nunca conseguiremos aprisionar o que é instável, a alma é um fluxo imaginativo constante em qualquer momento de nossa vida somos inundados por seus conteúdos. O cultivar seria manter suas expressões imaginativas próximas, olhá-las, 'ficar com a imagem', em suas peculiaridades que trazem uma riqueza de sentimentos, sensações, comportamentos, pensamentos e intuições, somos governados por suas perspectivas.

Sendo assim, a geografia da alma não possui uma sistematização, mas fundamenta-se nos conceitos da psicologia arquetípica citados na reflexão: anima, imaginação e arquétipo. Ela é transmorfa pois atende as necessidades da alma, que podem ser comunicadas através da reflexão geográfica utilizando-se a da imaginação ativa.

Considerações finais

Esse artigo buscou tecer noções de uma geografia da alma partindo de referências da geografia humanista e da psicologia arquetípica. Utilizando-se principalmente dos conceitos de imaginação, anima e arquétipo, foi feito um esforço para recuperar a centralidade da imaginação dentro da geografia em uma proposta que denominamos de geografia da alma, que seria a incorporação dos conceitos da psicologia arquetípica para uma nova perspectiva geográfica. Isso porque a imaginação foi excluída como forma de sabedoria na instituição da ciência moderna. Contudo, a corrente humanista trabalhou para recuperar esse aspecto, mas mesmo assim, geograficamente, as características

expressivas da alma foram rodeadas, porém não aprofundadas. Como pontuado por Bishop (1994) foram poucos os geógrafos que estabeleceram esta conexão, portanto a importância dessa produção se concentra em esforços para a recuperação de uma forma de expressão desvalorizada.

A geografia da alma é um novo olhar para o mundo, a proposição de uma nova cosmologia, em que há uma necessidade de reconhecer em cada canto de nossa existência uma comunicação invisível, mas que se revela através da poética.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: António da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultura, 1979.

BARCELLOS, Gustavo. O diálogo entre James Hillman e Gaston Bachelard. In: BARCELLOS, Gustavo; CHEETHAM, Tom; CREMA, Roberto; LELOUP, Jean-Yves; MIRANDA, Punita; SCHWARZSTEIN, Marco André (org).

Mundos Imaginais: Segundo Corbin, Hillman e Jung. 1. ed. Brasília, DF: Academia Imaginal, 2023. 171p.

BISHOP, Peter. Residence on Earth: anima mundi and a sense of geographical 'belonging'. **Ecumene**, vol.1, n.1, p.51-64, jan/1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44251682>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CORBIN, Henry. **Spiritual Body and Celestial Earth: from Mazdean Iran to Shi'ite Iran**. Tradução: Nancy Pearson. Princeton: Princeton University Press, Bollingen Series xci: 2, 1977.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. 1.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015. 159 p.

HILLMAN, James. **Anima: A Psicologia Arquetípica do Lado Feminino da Alma no Homem e sua interioridade na Mulher**. Tradução: Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. 2.ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020. 213p.

_____. **Re-vedo a psicologia.** Tradução de Gustavo Barcellos. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010a. 454 p.

_____. **O pensamento do coração e a alma do mundo.** Tradução: Gustavo

Barcellos. Campinas: Verus, 2010b. 111 p.

_____. **Uma investigação sobre a imagem.** Tradução: Gustavo Barcellos.

Petrópolis: Vozes, 2018. 128 p.

_____. **A Psicologia Arquetípica: uma introdução concisa.** Tradução: Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. 2.ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2022.

HOLZER, Werther. A geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e cultura**, p.137-147, 2008. DOI: 10.12957/espacoecultura.2008.6142. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/6142>.

A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência / C.G. Jung; tradução de Maria Luiza Appy; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. – Petrópolis. Vozes, 2013.

JUNG, Carl G. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência.** Tradução: Maria Luiza Appy. Petrópolis. Vozes, 2013.

_____. **O Homem e seus Símbolos.** Tradução: Maria Lúcia Pinho.

3.ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016a. 447 p.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Tradução: Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016b. 382 p.

KAST, Verena. **Jung e a psicologia profunda: um guia de orientação prática.** São Paulo: Cultrix, 2019. 175 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Tradução: Carlos

A.R.Moura. 5.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. 662 p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia:Pequena história crítica**.
São Paulo: Hucitec, 1994.

Rafael Gonçalves da Silva

Graduado em Licenciatura em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo de São Paulo (IFSP). Pós-graduando em Ensino e Pesquisa em geografia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).
Endereço: R. Camilo Peçanha, 10 - 10 - Vila Dionisia, São Paulo - SP, 02670-030
E-mail: rafaelsilva.9287469@edu.sme.prefeitura.sp.gov.br
Orcid: 0000-0003-0974-660

Maíra Kahl Ferraz

Doutora em Geografia pela UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS), mestre pela mesma instituição. Graduação em geografia pela UNESP (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA). Atualmente é professora efetiva do IFSP campus São Paulo e professora colaboradora do mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da UNICAMP. Membro do grupo de pesquisas NOMEAR.
R. Pedro Vicente, 625 - Canindé, São Paulo - SP, 01109-010
E-mail: mairakferraz@gmail.com
Orcid: 0000-0002-4973-9389

Recebido para publicação em dezembro de 2023.

Aprovado para publicação em maio de 2024.